



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

SÉRGIO LUIZ CHAVES ALVES

(entrevista)

2018

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-856

Entrevistado: Sérgio Luiz Chaves Alves

Nascimento: 11/04/1959

Local da entrevista: Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança – Porto Alegre

Entrevistadora: Jamile Mezzomo Klanovicz

Data da entrevista: 26/01/2018

Transcrição: Leila Carneiro Mattos

Copidesque: Jamile Mezzomo Klanovicz

Pesquisa: Jamile Mezzomo Klanovicz e Silvana Vilodre Goellner

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 36 minutos e 53 segundos

Páginas Digitadas: 15 páginas

Observações:

Entrevista realizada para a produção da dissertação de mestrado de Jamile Mezzomo Klanovicz intitulada *Histórias, memórias e narrativas de mulheres no handebol do Rio Grande do Sul: contextualizando o universo do apito*, apresentada no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em agosto de 2019.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Formação e início no esporte; Curso de arbitragem; Competições que participou; Handebol no Rio Grande do Sul; Federação Gaúcha de Handebol; Projetos de visibilidade da modalidade; Quadro de arbitragem; Etapas do curso de arbitragem; Dificuldades na arbitragem; Presença das mulheres na arbitragem; Arbitragem nos Jogos Olímpicos e Campeonatos Mundiais.

Porto Alegre, 26 de janeiro de 2018. Entrevista com Sérgio Luiz Chaves Alves a cargo da pesquisadora Jamile Mezzomo Klanovicz para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

J.K. - Inicialmente quero te agradecer por conceder esta entrevista, e eu gostaria que tu iniciasse contando da tua formação e como tu iniciou no esporte?

S.A. - Bom, primeiro eu agradeço o convite para falar de handebol, ao qual eu devo todas as minhas atividades. Comecei a militar no handebol em 1973 como aluno do Colégio Coronel Pilar¹ de Santa Maria², depois nos anos de 1975 e 1976 estudei no Colégio Manoel Ribas³, onde o meu técnico era o professor Luiz Celso Giacomini que era o técnico da seleção brasileira. E depois continuei vivenciando o handebol pela universidade, quando fiz graduação em Santa Maria, me formei em 1982, meu primeiro emprego foi de funcionário do Estado de Santa Catarina e como técnico da equipe de Chapecó⁴ feminina. Fiquei em Santa Catarina até meados de 1986 sempre trabalhando com handebol, exercia a função de técnico em Chapecó, no município de Saudades⁵ onde também praticava a modalidade como atleta e depois acabei vindo para o Rio Grande do Sul. Nesse período eu atuei em Santa Catarina como árbitro de handebol da Federação Catarinense, ao vir para o Rio Grande do Sul eu residi na cidade de Porto Alegre⁶ durante um ano, de 1986 a março de 1987, onde fui convidado pela equipe de Sapiranga⁷ para trabalhar. Lá em Sapiranga eu virei técnico de handebol das categorias infantis e cadetes, e era auxiliar no juvenil e no adulto. Foi o primeiro ano que Sapiranga ganhou um título de expressão na categoria adulta sendo campeã do JIRGS⁸ naquele ano com a equipe totalmente juvenil. No ano de 1989, eu voltei a Santa Maria onde fui fazer uma especialização em handebol, e fui trabalhar no Corinthians Atlético Clube como auxiliar técnico do professor Iradil⁹, que hoje atual presidente da Federação, e não atuando mais como árbitro da Federação Gaúcha de Handebol, na época não se permitia a função de técnico e de árbitro. Fiquei até 1995 no

¹ Colégio Estadual Coronel Pilar.

² Município do Estado do Rio Grande do Sul.

³ Colégio Estadual Manoel Ribas.

⁴ Município do Estado de Santa Catarina.

⁵ Município do Estado de Santa Catarina.

⁶ Capital do Estado do Rio Grande do Sul.

⁷ Município do Estado do Rio Grande do Sul.

⁸ Jogos Intermunicipais do Rio Grande do Sul.

⁹ Iradil Antonello.

Corinthians, e em 1996 passei em um concurso de substituto no Colégio Militar onde eu trabalhava com handebol em Santa Maria, e trabalhava também no Colégio Dores¹⁰ com a equipe feminina de handebol, fiquei 1995, 1996. E depois saindo do Clube Dores, fui convidado para atuar como Secretário da Federação Gaúcha de Handebol e voltei a atuar como árbitro, atuando até o ano de 2000, onde por norma estatutária todo dirigente da Federação não poderia exercer função de árbitro e de técnico, para mostrar uma imparcialidade que se tem até hoje. No momento que fui trabalhar na Federação passei a atuar diretamente no departamento técnico, juntamente com o diretor, na época de arbitragem, que era o professor Iradil Antonello. Exercemos a função até 2002 onde ele veio para Porto Alegre trabalhar na Fundação de Esportes¹¹, onde a gente veio também exercendo a função, aí eu passei por eleição, e exerci o cargo de Presidente, não atuando mais na função de diretor, mas instituindo um conselho através... Para serem diretores de arbitragem os professores Jorge Fernandes¹², Renato Müller, Ari Pias¹³ e ao final de ano seria escolhido um diretor de arbitragem. O professor Lima¹⁴ declinou o convite, o professor Ari optou por ficar no futsal e o professor Jorge optou por ficar como técnico. Acabei assumindo as funções de diretor porque é um cargo não remunerado, e você sabe, onde não tem dinheiro ninguém está interessado, infelizmente isso é o esporte no Brasil. Fiquei nessa função deste de 2004, onde foi eleito, novamente, o professor Iradil, convidou um árbitro para exercer as funções de diretor, e eu fiquei só colaborando na direção técnica. Aí assumiu o árbitro não formado em Educação Física, porque na época a gente... Era permitido pela Confederação¹⁵ exercer funções quem não era professor de Educação Física, e daí ficou durante oito anos o Giovan Amaral como diretor de árbitros, no momento que a Confederação através da Federação Internacional¹⁶ estabeleceu que os diretores tinham que ter formação, nós retiramos! E como nós não temos pessoas, hoje eu exerço junto com o departamento a direção de arbitragem.

J.K. - Certo! E quando tu retornou de Santa Catarina, tu chegou a fazer o curso de arbitragem aqui no Rio Grande do Sul também?

¹⁰ Colégio Coração de Maria - Nossa Senhora das Dores.

¹¹ Fundação de Esporte e Lazer do Estado do Rio Grande do Sul.

¹² Jorge Luiz Brandli Fernandes.

¹³ Ari Teixeira Pias.

¹⁴ Paulo Roberto Silva Lima.

¹⁵ Confederação Brasileira de Handebol.

¹⁶ Federação Internacional de Handebol.

S.A. - Quando eu fiz o curso em Santa Catarina, eu fiz o curso para árbitro nacional, que me habilitava a atuar no Rio Grande do Sul, mas foi montado uma associação de árbitros onde a gente estabeleceu no seu estatuto que todos os árbitros de fora do Estado voltassem, entrassem como iniciantes. E eu, como tinha um cargo nacional, fiquei mais um ano apitando em Santa Catarina e um ano no Rio Grande do Sul. Quando a Associação aceitou eu voltei a fazer mais um curso na Federação para manter a nível nacional, mas é uma carreira boa, mas tu tem que ter muita paciência, muita tranquilidade para exercer, até porque tu escuta muito desaforo, e as pessoas por mais que o nosso esporte tenha *hoje* atuando somente professores na direção das equipes, infelizmente o nível de relacionamento não é o desejado para as pessoas de bom senso. Eu fiquei! Deu uma melhorada, existe um bom processo, mas não era interessante continuar exercendo a figura, e o meu trabalho me exigia que eu continuasse a ficar de diretor, mas também não existia na figura do coordenador de arbitragem uma remuneração, então como nós não tínhamos pessoas nós éramos três dirigindo a Federação, optamos por continuar.

J.K. - E em relação as competições que tu já participou, como era a presença do público?

S.A. - Eu venho de uma cidade, onde os ginásios de handebol sempre estiveram cheios, Santa Maria. A cidade de Santa Maria foi durante quatorze anos campeã de nacional, então o handebol era uma ideia diferente *da cidade*, a cidade tinha como cultura quando a equipe jogava handebol, você não escutava vaias, você escutava aplausos quando se fazia uma jogada diferente da equipe. Então os tempos áureos da equipe da Universidade Federal de Santa Maria que era dirigida, foi esse conceito que se criou na cidade, hoje se você fizer um evento em Santa Maria, que é feita a Copa Mercosul¹⁷ *sempre tem público*, Santa Maria tem uma cultura de handebol! Os outros lugares são aficionados, são parentes de atletas, são namorados, são simpatizantes poucos da modalidade. Novo Hamburgo¹⁸ teve uma época muito boa, e Sapiranga também teve quando Sapiranga tinha a equipe feminina, o ginásio de Sapiranga sempre era lotado para as equipes femininas. Isso são ciclos, o handebol hoje se caracteriza por estar um pouco mais separado, porque se nós levarmos para o interior nós teremos público, nós não temos público em Porto Alegre, que infelizmente é uma cidade muito grande, nós não temos público em cidades como Caxias

¹⁷ Copa Mercosul de Handebol.

¹⁸ Município do Estado do Rio Grande do Sul.

Sul¹⁹, que em Caxias há exceção do Recreio da Juventude que tem finais que é lotado e nos demais seguimentos com poucas pessoas assistindo.

J.K. - E em relação a história do handebol aqui no Rio Grande do Sul, tu saberia me dizer quando é que o handebol ele se insere aqui no Estado?

S.A. - O handebol foi trazido para o Estado do Rio Grande do Sul pelo professor Benno Becker²⁰ e junto com esse, se desenvolveu nos Jogos Escolares pelo idos de 1970. Agora não posso te precisar a data mais ou menos, mas se não me engano em 1972 quando foi fundada a Federação Gaúcha de Handebol. É 1972, o professor Benno Becker foi o primeiro presidente, depois do professor Benno passou para o professor Egídio²¹, depois do professor Egídio esteve o Kalil Sehbe Neto que foi Deputado Estadual, depois teve o professor Carlos Roberto Tognin de Campo Bom²², depois o seu Joaquim Lutz da cidade de Novo Hamburgo. Depois do professor Joaquim, passou para o professor Celso Giacomini, professor Iradil... Esqueci, um lapso! Depois do Carlos Roberto Tognin, assumiu o professor Stigger²³ aqui da UFRGS²⁴ foi presidente da Federação, estava me esquecendo do Stigger, depois do Stigger é que passou o professor Joaquim Lutz, professor Joaquim, professor Giacomini, professor Iradil, eu passei, professor Iradil, professor Giacomini que hoje está no Ministério²⁵, professor Iradil esses são os presidentes. Santa Maria foi campeã masculino Sul-Americana²⁶, Sapiranga foi campeã feminino Sul-Americana, campeão adulto Santa Maria masculino, São Leopoldo²⁷ através da ADC²⁸ Canoas que era patrocinado pela Unisinos²⁹ foi campeã de uma segunda divisão no masculino, Sociedade de Ginástica foi campeã juvenil no masculino, juvenil feminino eu não me recordo, mas são vários títulos. Observação, eu posso te passar o histórico do handebol gaúcho que eu tenho, se tu tivesse me pedido teria te passado com todos os títulos de todas as equipes.

¹⁹ Município do Estado do Rio Grande do Sul.

²⁰ Benno Becker Júnior.

²¹ Egídio Neiss.

²² Município do Estado do Rio Grande do Sul.

²³ Marco Paulo Stigger.

²⁴ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

²⁵ Ministério do Esporte.

²⁶ Campeonato Sul-Americano de Handebol.

²⁷ Município do Estado do Rio Grande do Sul.

²⁸ Associação Desportiva de Canoas.

J.K. – Ótimo, se tiver...

S.A. - Tenho! Está pronto isso aí, é só pegar no computador, eu te passo toda a história.

J.K. - Ótimo!

S.A. - O primeiro título brasileiro do Rio Grande do Sul no handebol, foi em 1977 no Jogos Escolares Brasileiros Masculino, e aquele ano foi campeão juvenil masculino, foram os dois primeiros títulos brasileiros, e eu te passo o resto da história, por que agora a memória vai faltar, já faz muito anos. [riso]

J.K. - Não tem problema! E saberia me dizer qual foi o período de maior visibilidade do handebol aqui no Rio Grande do Sul?

S.A. - Foi o período de 1980, a década de 1980 aos finais dos anos 1990, agora está retomando. Hoje nós temos trinta e dois clubes filiados a Federação, mas eu esqueci de uma passagem. Existe um celeiro em Santa Catarina que tem muito forte os Jogos Abertos, é a política do Estado, que não tem no Rio Grande do Sul infelizmente, o Rio Grande do Sul está abaixo do que se espera. Então existem muitos atletas formados nas equipes de Itajaí, Blumenau, Concórdia, Chapecó³⁰ que são oriundos do Rio Grande do Sul, jogam nas categorias até juvenil e vão embora, São Paulo faz isso muito, tanto no masculino como no feminino. Hoje estão vindo buscar o moleque com 16 anos, mas aí estrutura de faculdade e vislumbram a vida de atleta, que poderá dar certo ou poderá não dar, tem gente que vai, fica um ano, e vem embora. Aqui a cultura do gaúcho é a seguinte: ou tu vai estudar ou tu vai trabalhar, handebol não dá dinheiro! É uma paixão, mas não dá dinheiro, sabe como é!

J.K. - Infelizmente na área do esporte é o que acaba acontecendo.

S.A. – É, isso infelizmente acontece!

²⁹ Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

³⁰ Municípios do Estado do Rio Grande do Sul.

J.K. - E nesse período de maior visibilidade, o handebol era mais praticado em clube ou em escolas?

S.A. - Tanto em escolas como e em clubes. A Federação tem uma diferença em relação as outras Federações, na Federação Gaúcha de Handebol *é permitido* a participação de escolas, entra como um clube escola, a lei permite, então, nós abrimos desde a primeira alteração da Lei Pelé³¹ a gente deixou entrar escolas. Hoje clubes mesmo nós temos oito clubes, o resto são escolas que jogam handebol.

J.K. - Isso tanto em times femininos como em masculinos?

S.A. - Tanto em times femininos como em masculinos.

J. K. - E hoje a Federação tem algum programa ou projeto de visibilidade para o handebol?

S.A. - Temos! Nós temos um *site*, nós temos uma página da Federação, nós temos uma pessoa que faz um trabalho voluntário de *marketing*, nós temos um patrocínio da Orquídea³² hoje que os ajuda hoje com as arbitragens, se você entrar na página da Federação e vai enxergar Orquídea, que nos ajuda um monte. Ela dá o mínimo em todas as programações, com bolachas para os atletas, todo mundo que vai ganha bolacha, então, é uma festa. Agora está vindo a 361° que está vindo para patrocinar também a Federação, a gente nesse aspecto de *marketing* ela é bem... Existe bastante acompanhantes da página da Federação, hoje gira em torno de oitenta mil pessoa acompanhando, isso é bom, existe uma visibilidade.

J.K. - E o handebol como esporte olímpico, como tu enxerga a participação do Brasil tanto das equipes femininas como masculinas, em Campeonatos Mundiais, Olimpíadas.

S.A. - Eu enxergo como boa, e tu vai me entender na resposta, apesar que no *Facebook*, fala muitas inverdades de quem nunca vivenciou o handebol. Eu peguei a época do handebol que a Confederação era uma caixinha de sapato, e a Federação Gaúcha também,

³¹ Lei 9.615 de 24 de março de 1998.

³² Orquídea Alimentos.

pela minha idade. Hoje nós temos atletas que tem um aporte financeiro que estão na Europa, nós temos muitos atletas a nível de masculino na Europa, a equipe feminina nossa, tem só duas jogadoras no Brasil o resto está tudo na Europa, nossos atletas têm visibilidade. Nós tivemos uma equipe feminina que foi campeã mundial muito boa, e em minha concepção era uma Ferrari: os atletas, dirigida por um técnico que dirigia um carro não como se fosse uma Ferrari, um bom técnico, mas as jogadoras excepcionalmente muito boas. O masculino se continuar o trabalho que está se fazendo com todos os atletas na Europa, a tendência é também fazer uma medalha Olímpica, mas *saliento* para quem vivencia o handebol que nós hoje saímos das competições perdendo de um gol, dois gols, nos primeiros Mundiais³³ na década de 1980, nós tomávamos de quinze, dezesseis, dezessete gols de diferença, e estávamos melhorando! O brasileiro tem um péssimo costume, aqueles mais apaixonados, que tu tem que ser campeão sempre, mas a gente não vai ser campeão sempre. Mas a gente não vai ser campeão sempre, o desporto é rendimento eu posso perder por uma bola, posso perder por um bloqueio equivocado, então, para quem vivencia o handebol como eu vivenciei tecnicamente é *muito* desenvolvido. Quem jogava na minha época, não joga hoje, é muito mais qualidade física, muito mais técnica, jogadores estão na Europa tem uma qualidade muito superior e também na minha época não tinha partidas transmitidas pela televisão, você pegava um filme era um sucesso. Hoje você vai no *youtube* você tem jogo de handebol, inclusive com participações da seleção brasileira. A própria Federação transmitiu todas as finais pelo *Facebook*. Então você vê que a divulgação é muito maior, o aporte de material para quem treina é *muito* maior, então, o crescimento tecnicamente foi desenvolvendo. Existem os meandros políticos que as pessoas sempre dizem “não está progredindo”, cresceu! Mas quem está aí na beira da quadra que não tinha nenhum recurso financeiro sabe que cresceu e *cresceu muito!*

J.K. - Agora falando mais especificamente sobre arbitragem, hoje a Federação possui quantos árbitros no seu quadro de arbitragem?

S.A. - Nós temos capacitados pela Federação trinta e dois árbitros, atuando somente, dezoito. Nossos árbitros são submetidos todos os anos por cursos de capacitação, no curso de capacitação quem faz, faz prova teórica e faz prova física, e isso os habilita a atuarem

³³ Campeonato Mundial de Handebol.

durante o ano. Um atenuante, nós fizemos distinções, nós temos árbitro hoje com 68 anos apitando, a gente não dispensa ninguém, só vai embora quem quer, só que tem algumas condutas que a gente estabelece. A função de árbitro é diferente da de atleta, e é diferente de técnico. Porque? Você conduz o jogo, você tem que ter posturas! E dentro dessas posturas você vai levando, aí se seleciona automaticamente, não pela Federação, mas o próprio quadro exige que tu tenha os melhores capacitados, pode não ser o melhor tecnicamente, mas pode ser o melhor em termos de postura. Existe uma grande dificuldade, o nosso árbitro tem uma taxa de arbitragem que é baixa, é a Federação mais barata do Estado, porque a nossa realidade é baixa, se compararmos com um jogo de vôlei, de basquete ou de futsal. A Federação que menos paga é a nossa, e isso também faz um afastamento dos árbitros. Mas, os nossos clubes não têm condições de pagar, então a gente vai com aquele que realmente gosta da modalidade, e ele vem, e ele se sujeita, porque erroneamente todo mundo diz assim: “Minha profissão é árbitro.” Não existe a profissão de árbitro por [palavra inaudível] no Brasil, nenhuma, ou tu é professor, ou tu é arquiteto, ou advogado, não existe lá autorizado na tua carteira... Vou assinar a tua carteira como árbitro, não existe isso, mas tem árbitro que pensa que é isso, não dá! As competições do Estado pagam muito bem, então, tem outros árbitros que optaram por outras entidades e empresas que é permitido, e não atuam na Federação, e para nós não tem problema, é opção dele.

J.K. - E desses dezoito árbitros, quantas duplas são femininas?

S.A. - Quantas são femininas?

J.K. - Isso!

S.A. - Duas! Nós tínhamos aprovado na Federação seis duplas, uma desistiu foi morar em Blumenau, colega da Gabriele³⁴, a Gabriele por questões pessoais, resolveu deixar a Federação, a gente respeita. Uma dupla mais antiga, a professora Fernanda³⁵ que trabalha no Colégio Rosário, e a professora Carol³⁶ funcionária de Porto Alegre, não quiseram atuar em função de compromissos e acabaram não atuando. Mas foram as pioneiras em fazer curso para a Federação, isso em meados de... Já te digo, de 1988 ou 1989, ou 2000, que

³⁴ Gabriele Bortoluzzi.

³⁵ Fernanda Santos.

elas fizeram o curso, era a primeira dupla a investir no feminino, e depois teve a Vanessa³⁷ e Gabriele, e depois surgiu a Carol³⁸ e a Betina³⁹, a Priscila⁴⁰ e a Marisa⁴¹. Tem uma dupla que foi aprovada no pré curso realizado em Itaqui⁴² no ano passado, mas ainda está em um processo de avaliação para ver se tem condições de conviver com todo resto do grupo, tecnicamente muito a crescer. Queremos fazer um curso esse semestre, iremos fazer aberto, os nossos cursos são capacitação, curso de formação de árbitro, não se escolhe tantas vagas para o masculino, tantas para o feminino. Vem quem quer fazer!

J.K. - E para fazer o curso, a pessoa já tem que ter uma dupla?

S.A. - Não, não se estabelece. A única coisa, tem que estar estudando ou ser formado.

J.K. - Sim, e tem que ser na área da Educação Física?

S.A. - Não, qualquer curso! Porque se nós queremos atender os pré-requisitos da Confederação, eu não posso ter um árbitro que não esteja estudando, nenhum árbitro.

J.K. - Saberria me dizer quando foi oferecido pela primeira vez um curso de arbitragem aqui no Estado?

S.A. - No Estado? Acho que em 1984.

J.K. - 1984?

S.A. - Começou em 1984, isso!

J.K. - E todos os cursos que são oferecidos é através da Federação?

³⁶ Nome sujeito a confirmação.

³⁷ Vanessa Weber Denardini.

³⁸ Caroline Goulart.

³⁹ Betina Görgen.

⁴⁰ Priscila Nedel.

⁴¹ Marisa Wasem.

⁴² Município do Estado do Rio Grande do Sul.

S.A. - Tem que ser via Federação.

J.K. - Certo! E como funcionam as etapas do curso?

S.A. - É feito primeiro, uma chamada, uma divulgação, as pessoas fazem as provas, fazem a parte teórica, a parte prática e depois fazem as avaliações, teórica e as avaliações físicas. E eles passam por um período de estágio durante o ano, mas geralmente o que acontece, como muito um pouco a cultura a nível nacional e da Federação Internacional hoje, o investimento é nas duplas femininas. Eles incentivam, nós termos mais duplas femininas, por que o quadro internacional está muito velho, então eles querem duplas femininas e estabelecer um limite de idade, tem que ter no máximo vinte e quatro anos para você ser internacional. Daí elas passam na Federação, vão fazer o curso para nacional, sendo aprovadas elas vão fazer parte do GQT⁴³, que é um grupo de estudos internacionais, do Estado nós só temos uma dupla que está entrando para GQT, que é a Carol e a Betina, que foram nacionais, passaram no ano passado. Já eram para ter sido nacionais a dois anos atrás, mas daí uma ficou com medo de ir e não passar. Aí elas foram, passaram e agora esse ano elas fazem parte do grupo de estudos a nível internacional, um pré-requisito básico tem de dominar o inglês, se não, não vai!

J.K. - E a Carol e a Betina são a primeira dupla feminina a entrarem para nacional, aqui do Rio Grande do Sul?

S.A. - Feminina sim!

J.K. - E masculina existe?

S.A. - Masculina nós já tivemos árbitros internacionais, um lá do Internacional⁴⁴, Paulo Roberto Silva Lima, dois continental Rogério Vidal e Renato Müller, e nacional nós tivemos e temos ainda, Jorge Fernandes, João (Pato) que tu conhece que é o João Luciano Rosa que estudou aqui na UFRGS, são mais árbitros. O Giovan Amaral que era o diretor,

⁴³ Gestão de Qualidade Total.

⁴⁴ Sport Club Internacional.

nacional “A”, nacional “B” nós temos Sidinei Correia⁴⁵, Rudinei Correia⁴⁶ e nacional “C” nós temos, Flávio Varone⁴⁷, José Francisco Tavares⁴⁸, Ari Teixeira Pias, Diego Trindade⁴⁹, André Rossato⁵⁰, Euzébio da Silva⁵¹, Carol e a Betina esses são os árbitros da nacional “C”.

J.K. – E as etapas do curso de nacional e de internacional são as mesmas da estadual?

S.A. – Não! É diferenciado, para ser árbitro nacional você tem que fazer um curso de ascensão nacional, aí você fica uma semana preso. Você tem competição, você apita em competição e você apita de tarde, por exemplo, e de manhã vocês tem prova teórica e física. Ano passado nós fizemos o curso para nacional, aqui na cidade de Novo Hamburgo, então, o professor Marcelo Scharf que é de Santa Catarina fez a prova de quadra, o professor Nilson⁵²... Esse é árbitro nacional é o professor Marcelo, o professor Nilson é árbitro internacional fez geral do curso, e eu colaborei na avaliação física dos árbitros.

J.K. – E na época que tu atuava como árbitro, chegou a sentir algum tipo de dificuldade?

S.A. – Sim! Dentro das mudanças que a gente estabeleceu hoje, as pessoas mais velhas que ficaram no quadro acolhem os mais novos. Então se você vai em uma competição, é comum você enxergar quando as duplas femininas estão apitando, uma rosa. Quando as pessoas estão de fora, acham isso... São uns velhinhos com as filhas apitando, então é chocolate, porque você trata como se fossem tuas filhas. E isso, a época que eu comecei não tinha isso, era muita disputa financeira, entende? Quantos mais árbitros tivesse menos eu ganhava, esse é um dos motivos porque se trocou algumas direções. Por que você sabe que quando o dinheiro é pouco então... Quando começa a emperrar a parte financeira causa muitas dificuldades, e isso é um grande problema de quem administra os departamentos de arbitragem, porque das mudanças e de tantos árbitros desistir? Na Federação eu tenho isso, mas como eu tenho uma Associação que eles montaram, que é livre para o pessoal montar:

⁴⁵ Nome sujeito a confirmação.

⁴⁶ Nome sujeito a confirmação.

⁴⁷ Nome sujeito a confirmação.

⁴⁸ Nome sujeito a confirmação.

⁴⁹ Nome sujeito a confirmação.

⁵⁰ Nome sujeito a confirmação.

⁵¹ Nome sujeito a confirmação.

“Mas a Associação pegou por tanto, então vou para lá.” Mas alguns árbitros não entendem e o que eles te dizem: “como eu não estou escalado lá e estou escalado aqui?” Você acaba criando atritos, então, resolvemos cortar o mal pela raiz, então o pessoal que está na Federação eles atuam o ano inteiro. E a gente utiliza como norma o seguinte: vai ter um curso para a nacional, vamos supor Jamile, um exemplo que você vai fazer um curso para nacional, você vai apitar mais competições que os outros naquele ano, até o período do curso, você vai se *preparar* para ir com condições de passar! Nós fizemos esse processo com a Carol e a Betina, fizemos com o Euzébio e o Jeferson⁵³, nós fizemos com o André e com o Diego, fizemos com a Aleksandro Pinzon⁵⁴ que é árbitro nacional, que eu me esqueci, e que hoje está morando em Londres. Então com todos a gente fez uma preparação para eles serem árbitros nacionais. Nós somos o Estado aqui que nós estabelecemos a nível de Confederação os testes de avaliação física *para* os árbitros. E eu tive o prazer de participar da primeira comissão disso, nos anos de 2000 e 2003, que estava fazendo o meu Mestrado em Santa Maria, e o diretor na época: “Nós precisamos dar uma melhorada, nosso quadro de árbitros é muito velho, precisamos qualificar.” Então ficou estabelecido esse ranqueamento, fiz todos os testes e a partir dali ficou como norma de todas as Federações tem que fazerem avaliação física nos seus árbitros e com isso deu uma melhorada em termos físicos e termos técnicos também. Por que a nível nacional todos eles têm um cronograma de estudos, eles têm que passar as planilhas de estudos para a comissão nacional de arbitragem que eles estão estudando tal regra, tal regra, e quando eles são convocados eles são submetidos a provas regulares nos cursos.

J.K. - Eles têm que seguir todo esse cronograma?

S.A. - Eles têm que seguir todo o trabalho!

J.K. - E quando tu fez o curso de arbitragem já existiam mulheres fazendo o curso também?

⁵² Nome sujeito a confirmação.

⁵³ Nome sujeito a confirmação.

⁵⁴ Nome sujeito a confirmação.

S.A. - O quadro feminino começou a aparecer em 1994 ou 1995, onde tinha duas árbitras de São Paulo que eram nacionais e passaram a internacional, a Silvana⁵⁵ e Márcia⁵⁶ e a partir dali começou a surgir as duplas femininas. Mas o Estado pioneiro Santa Catarina, tem duplas femininas atuando até hoje, e depois tem Rio Grande do Sul, Paraná já tem duplas femininas, São Paulo tem, todos os Estados tem. Mas nesses anos, 1994, 1995, que começou a surgir as duplas femininas.

J.K. - E antes disso não haviam duplas de mulheres?

S.A. - Antes disso eram só... Termo inadequado aquele, os “bagaços”, só os homens, mas depois começou a surgir as duplas, tanto que a dupla feminina quando passou a ser internacional, Márcia e a Silvana foi uma surpresa, porque já começou o processo da IHF⁵⁷, em função disso, por exemplo, dois árbitros do Paraná que estavam sendo cotados para serem internacionais, acabaram não sendo e foi a dupla feminina.

J.K. - Na tua opinião, porque as mulheres iniciaram na arbitragem apenas nos anos de 1994, 1995?

S.A. - Que idade você tem?

J.K. - Tenho 25.

S.A. - Você é uma menininha perto de mim, mudanças no contexto atual da vida. Não tenho vergonha de dizer: a minha mãe quando foi trabalhar ela pediu para o meu pai, as minhas irmãs foram educadas diferente, essa é a vida, são outros tempos! Isso tudo são mudanças que a vida e o esporte passam pelo cotidiano, você tem técnicos de handebol, você tem técnicos, tem árbitros e você é árbitra, natural de se aceitar. Existe muito preconceito, mas aí você tem que impor, a tua experiência te permite como tratar com isso, você consegue resolver, você impõe alguns limites e eles conseguem respeitar. Existem técnicos que atuam, como eu te disse antes, que se você olhasse assim: “Não parece um professor”, porque muitas vezes eles falam muita besteira para as meninas e isso a gente

⁵⁵ Silvana Maria Silva.

⁵⁶ Márcia Rodrigues.

cuida muito de não deixar elas serem... A gente orienta, a gente protege como uma filha, mas elas têm personalidade e te afirmo com muita tranquilidade. Mas o machismo ainda, infelizmente, por pessoas que não tem noção de como tem que ser, que o esporte é para todos. A nível internacional é muito tranquilo, o primeiro Mundial que eu vivenciei que foi em 2013 em Foz do Iguaçu⁵⁸, eu já tinha as duplas femininas apitando, internacionais, do Brasil não tinha nenhuma dupla. Depois o Mundial que teve em São Paulo, com duplas femininas apitando, Olimpíadas duplas femininas, Jogos Pan-Americanos duplas femininas então existe a Federação Internacional de Handebol investe muito, a Pan-Americana de Handebol investe muito, a Confederação investe, as Federações investem. A gente não tem discriminação nenhuma, apesar de ter nos atletas esse *preconceito*, que infelizmente, não sabem lidar. Por isso eu te respondi de forma grosseira, dizendo que tu tem 25 anos e ainda é uma menininha, o mundo passa por conceitos de mudança, você está no esporte e se você não orientar para essas mudanças não tem jeito!

J.K. - Agora tu comentou sobre a presença de mulheres na arbitragem em Mundiais. Como tu vê a presença feminina em Campeonatos Mundiais, tanto duplas brasileiras como internacionais?

S.A. - No Brasil nós só temos duas duplas capacitadas para ir para o Mundial, devem apitar esse ano, mas a nível mundial muito tranquilo, é indiferente a competição, tanto Olimpíada, tanto campeonato masculino, campeonato feminino. As mulheres atuam de forma igualitária aos homens. Hoje o diretor a IHF é um espanhol o Ramón Gallego, e ele faz questão de dividir o trabalho de forma igual. Existem diferenças ainda nos testes físicos, por exemplo, a mulher por conceito e pelo que o teste prescreve que é o *Leger*⁵⁹ ela tem uma classificação menor que o homem, mas isso é normal, ela precisa de um índice menor que o homem, elas são oito e meio e os homens são dez, não tem problema, mas isso não as impede de ter o mesmo grau de atuação e não existe diferença financeira, a taxa é igual para todo mundo, em nível de Pan-Americano... Existe diferente por classificação de arbitragem, mas se você é nacional, eu ganho a mesma coisa que você ganha, estadual categoria “A” ganha a mesma coisa, não existe, é bem correto!

⁵⁷ Federação Internacional de Handebol.

⁵⁸ Município do Estado do Paraná.

J.K. - Bom, as perguntas que eu tinha, eu já encerrei, teria mais alguma coisa que tu gostaria de compartilhar?

S.A. - Não, se tu tiver mais alguma coisa, é só me passar que eu te ajudo! Se precisar da ajuda de mais algum árbitro para fazer algum relato...

J.K. - Certo! Então, eu agradeço novamente a disponibilidade em ceder a entrevista.

[FINAL DA ENTREVISTA]

⁵⁹ Teste de aptidão física.